

# CIDADE E COMÉRCIO: RELAÇÕES EM JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS

*CITY AND COMMERCE: RELATIONS IN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRAZIL |*

*CIUDAD Y COMERCIO: RELACIONES EN JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRASIL*

**ANTONIO COLCHETE FILHO, FREDERICO BRAIDA, CARINA FOLENA CARDOSO**

## RESUMO

Paralelamente ao seu crescimento populacional, a cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, vem agregando novos mercados consumidores que trazem para o tecido urbano a inserção de tipologias comerciais diferenciadas. O objetivo deste artigo é realizar uma breve análise dos principais exemplares comerciais de Juiz de Fora, situando-os em uma abordagem espaço-temporal e relacionando as soluções de projeto com os desdobramentos de suas inserções para as áreas adjacentes. O trabalho é dividido em três partes: na primeira é traçado um breve histórico das atividades comerciais em Juiz de Fora; na segunda parte é apresentado um panorama analítico do processo de descentralização comercial vivenciado na cidade; e na terceira são estudadas as tipologias de duas das principais áreas de nova centralidade comercial do município. Concluiu-se que a arquitetura comercial, no contexto das cidades de médio porte, valendo-se de uma boa localização, planejamento criterioso e um estudo de implantação pautado em seu contexto urbano, colabora sobremaneira com o desenvolvimento de seu entorno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura comercial. Comércio. Juiz de Fora. Novas centralidades.

## ABSTRACT

*In addition to its population growth, the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, Brazil, has been facing the inclusion of new consumer markets, which brings different commercial typologies to the urban environment. The aim of this article is to present a brief analysis on the main commercial examples in the city using a spatio-temporal approach and comparing the design solutions with the results of these commercial activities in adjacent areas. The article is divided into three parts: the first presents a brief history of the commercial activities in Juiz de Fora; the second is an analytical overview of the commercial decentralization process experienced in the city; and the third studies the typologies in the two main areas of new commercial centrality in the city. It was concluded that the commercial architecture, within the context of medium-sized cities, contributes to the development of the city surroundings, since it takes advantage of a good location, planning and has an implementation study based on the urban context.*

**KEYWORDS:** Commercial architecture. Commerce. Juiz de Fora. New commercial centrality.

### RESUMEN

*Paralelamente a su crecimiento de población, la ciudad de Juiz de Fora, Minas Gerais, ha incorporado nuevos mercados de consumo que traen la inserción de tipologías diferenciadas de comercio al tejido urbano. El propósito del presente artículo es hacer un breve análisis de los principales ejemplares comerciales de Juiz de Fora, colocándolos en un enfoque espacio-temporal y relacionando las soluciones de proyecto con los desdoblamientos de sus inserciones para las áreas adyacentes. El trabajo se divide en tres partes: la primera presenta una breve historia de las actividades comerciales en Juiz de Fora, en la segunda parte se presenta un panorama analítico del proceso de descentralización comercial vivido en la ciudad, y en la tercera se estudian las tipologías de dos de las principales áreas de nueva centralidad comercial de la ciudad. Se concluyó que la arquitectura comercial en el contexto de las ciudades de tamaño mediano, aprovechando una buena ubicación, la planificación cuidadosa y un estudio de implantación guiado en su contexto urbano, contribuye en gran medida al desarrollo de su entorno.*

**PALABRAS CLAVE:** *Arquitectura comercial. Comercio. Juiz de Fora. Nuevas centralidades.*

### AS CIDADES E A PRÁTICA COMERCIAL

Espaços vitais para a dinâmica urbana, as vias extrapolam a função de canais de ligação e circulação. Elas são os elementos predominantes na paisagem citadina, locais de trocas simbólicas, por meio dos quais o transeunte observa e vivencia a cidade, sua organização e as relações entre os elementos que a conformam (Lynch, 1997). Complementando essa linha de pensamento, Jacobs (2009, p.29) afirma que:

A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais.

O comércio pode margear, estender-se e, não raras vezes, apropriar-se das calçadas, imprimindo-lhes a identidade da cidade. Pense nas tipologias comerciais da Medina, em Marrocos; da *Times Square*, em Nova Iorque; ou mesmo da 25 de Março, em São Paulo, e terá apreendido muito da constituição social, cultural e econômica de cada uma dessas populações.

De fato, o comércio não só reflete as dinâmicas sociais e econômicas dos centros urbanos, como também se estabelece por meio delas. Dessa forma, o estudo desenvolvido

no presente artigo é resultado de uma pesquisa acerca das relações entre o comércio e a cidade de Juiz de Fora (MG), que, com seus 516 247 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), porta-se como importante polo de serviços da Zona da Mata Mineira, sendo referência regional nos setores educacionais, comerciais, institucionais e de saúde.

Juntamente ao seu crescimento populacional, a cidade vem agregando novos mercados consumidores, que trazem para o tecido urbano a inserção de tipologias comerciais diferenciadas, focos de atração e geração de fluxos. O objetivo deste trabalho é realizar uma breve análise dos principais exemplares comerciais de Juiz de Fora em seu novo contexto de descentralização comercial, situando-os em uma abordagem espaço-temporal e relacionando as soluções de projeto com os desdobramentos de suas inserções para as áreas a eles adjacentes. Dessa forma, o trabalho é dividido em três partes: na primeira delas é traçado um breve histórico das atividades comerciais em Juiz de Fora, ressaltando a relevância da área central e das tradicionais galerias; na segunda parte é apresentado um panorama analítico do processo de descentralização comercial vivenciado na cidade; na terceira parte são estudadas as tipologias de duas das principais áreas de nova centralidade comercial do município: Alto dos Passos (nova centralidade formalizada a partir dos anos 1990) e Estrela Sul (cujo desenvolvimento majoritário ocorre a partir dos anos 2000).

### COMÉRCIO EM JUIZ DE FORA: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM

Elevada à categoria de cidade em 1850, Juiz de Fora teve seu crescimento acelerado a partir da ligação entre os estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais pelo antigo “Caminho do Ouro”, funcionando como parada de tropeiros. Diferentemente de muitas cidades mineiras, sua evolução urbana não esteve atrelada de forma direta à atividade mineradora. A consolidação de Juiz de Fora como cidade se deu a partir da expansão da economia cafeeira e do posterior desenvolvimento industrial, conferindo-lhe a designação de “Manchester Mineira”, no início do século XX (Oliveira, 1966).

Contudo, a prática comercial em Juiz de Fora se estabeleceu historicamente desde os primeiros indícios de povoamento da região às margens do Caminho Novo (estrada real de acesso às Minas Gerais). Os portugueses, ali estabelecidos, foram responsáveis pela implantação de estabelecimentos comerciais, em especial sob a modalidade de armazéns, que estimularam o processo de crescimento local. Mais tarde seriam também os imigrantes lusitanos que se fixariam no município, prosperando “Financeiramente mediante pequenos comércios populares como padarias, bares e botequins” (Guimarães, 2008, p.34).

De fato, a constituição da população imigrante da cidade foi um fator determinante para a conformação das tipologias comerciais aqui encontradas. Os sírios e libaneses tiveram uma participação efetiva nesse processo. Era no andar térreo de suas residências que instalavam suas casas de tecido e armarinhos, em locais especialmente escolhidos,

levando em consideração a concentração urbana, como vias centrais e proximidades da Estação Ferroviária (Guimarães, 2008).

A morfologia urbana do núcleo central da cidade é usualmente descrita como um triângulo conformado por três vias: a Avenida Barão do Rio Branco (primeira rua de Juiz de Fora); Avenida Getúlio Vargas (trecho da estrada União Indústria) e Avenida Presidente Itamar Franco (resultante da canalização de um córrego afluente do Rio Paraibuna, na segunda metade do século XX). Sob a perspectiva de Abdalla (2000, p.10), essas três vias:

Formam em conjunto o que é considerado o coração vivo da cidade de Juiz de Fora, não apenas o lugar central do nascimento da cidade, isto é, este é o lugar onde a vida urbana ocorre e é possível observar os cidadãos locais, o cotidiano urbano, a cultura da cidade, a sociedade, os debates e problemas regionais, enfim é o lugar onde a cidade expõe as suas próprias coisas.

O equilíbrio entre as funções comerciais, de prestação de serviços, habitacionais e de lazer garante, mesmo atualmente, a manutenção da vitalidade central de Juiz de Fora. As galerias comerciais associadas aos calçadões, configurando o que Braida (2011) chama de “passagens em rede”, fazem com que o centro da cidade se porte como um grande “shopping a céu aberto” (Figura 1)

De fato, não só as trocas de bens e mercadorias, como também as trocas simbólicas, são em muito favorecidas mediante a facilitação do deslocamento dos pedestres por meio do complexo sistema formado pelas vias e galerias, “Que por meio de espaços labirínticos conectam diversos quarteirões ali presentes” (Abdalla, 2011, p.22).

Ainda que a detenção de maior parte da infraestrutura e de atividades econômicas e de serviço faça com que o centro preserve até os dias de hoje sua posição como principal



**FIGURA 1** – Galeria Pio X, a primeira galeria de Juiz de Fora (MG).  
**Fonte:** Arquivo pessoal (2008).

núcleo comercial da cidade, Juiz de Fora — tal como outros municípios de médio porte —, começa a vivenciar um processo de descentralização. Esse processo é caracterizado pelo deslocamento de moradores, “Firmas, empresas e atividades que não conseguem se manter e pagar pelo alto preço da terra” nas regiões centrais das cidades, um quadro que em muito se relaciona com o uso intensivo do solo e com as facilidades atribuídas à melhor infraestrutura (Schwenk & Cruz, 2005, p.182).

Em Juiz de Fora, um reajuste nos aluguéis centrais de 400%, representando em valores médios um aumento de R\$2.000,00 reais para R\$10.000,00 reais, foi responsável pelo encerramento das atividades de vários lojistas estabelecidos na região central, acarretando uma migração das atividades comerciais para outros bairros (Lopes, 2011), dentre eles: Benfica, São Pedro, Manoel Honório, Santa Terezinha, Cascatina, São Mateus e Alto dos Passos.

Esse processo de descentralização já vem chamando a atenção do poder público municipal para a necessidade de elaboração de estudos com vistas a nortear a expansão comercial dos bairros. No ano de 2011, o então secretário de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da cidade, André Zuchi, afirmou em entrevista ao jornal local Tribuna de Minas ser importante a priorização do desenvolvimento de diferentes regiões da cidade, um processo que deveria ser estimulado por meio da implantação de *shoppings*, hospitais, praças e jardins. Ainda que Zuchi tenha mencionado uma preocupação com o não esvaziamento e a conseqüente degradação da região central (Lopes, 2011), o que chama atenção no discurso do secretário é a compreensão de uma linha de pensamento que considera os investimentos em grandes equipamentos urbanos e espaços públicos como elementos cruciais ao desenvolvimento comercial descentralizado.

## DESENVOLVIMENTO URBANO E DESCENTRALIZAÇÃO COMERCIAL

Ainda que o processo de descentralização percebido hoje em Juiz de Fora em muito se atribua ao contexto econômico, é possível entendê-lo como uma continuação de um movimento de transição da elite juiz-forana, inicialmente instalada no núcleo central, rumo a residências na periferia, em meados do século XX. A partir da década de 1980, houve uma intensificação desse quadro, quando, mediante a promulgação da Lei de Uso e Ocupação do Solo em 1986, bairros como Santa Helena, Granbery, São Mateus e Bom Pastor começaram a sofrer um processo acentuado de verticalização (Colchete Filho *et al.*, 2011).

Sob a ótica de Jacobs (2009), a alta concentração de moradores, alcançada por meio da verticalização, é um dos principais elementos geradores de diversidade no meio urbano. Contudo, a autora também salienta que nesse processo são importantes a coexistência de edifícios de variadas idades e estados de conservação, quadras curtas e atendimento a mais de duas funções principais. Foram, de fato, essas características que sempre fizeram do Centro de Juiz de Fora um importante e próspero núcleo comercial, e seriam elas também que impulsionariam o desenvolvimento do comércio nas localidades recém-verticalizadas.

Também detentores de altos índices de densidade populacional, os bairros que iniciaram seu processo de verticalização a partir do terceiro quartel do século XX passaram a desenvolver os elementos geradores de diversidade, atraindo novos públicos. Um maior número de carros, novas linhas de ônibus, novos loteamentos e conceitos de habitação alteraram os referenciais da população local e fizeram a cidade se expandir de forma cada vez mais longínqua de seu núcleo central.

Agora, os bairros adjacentes ao centro, no passado pontos finais de bondes, têm em suas vias caminhos para outras localidades. Não tardou para que esses novos fluxos neles estimulassem o desenvolvimento do comércio. Mesmo onde a Lei de Uso e Ocupação do Solo restringia um maior leque de atividades comerciais, a oferta passou a se concretizar nas imediações. Um grande exemplo, nesse sentido, é o bairro de classe média alta Bom Pastor, que nos anos 1990 representava um expoente da habitação coletiva de alto padrão. Com a legislação urbana permitindo no bairro somente o comércio de pequeno porte, a população do Bom Pastor supre suas demandas comerciais no lindeiro Alto dos Passos, um importante subcentro comercial para toda a região sul da cidade.

A instalação de uma famosa rede de *fast food* em um cruzamento estratégico, próximo à Avenida Rio Branco, foi a âncora do desenvolvimento comercial do Alto dos Passos, principalmente com relação ao comércio noturno. A implantação da lanchonete no bairro foi tão bem sucedida que ali permanece até hoje. Esse exemplo ilustra muito bem o que Vargas (2006) aponta como essencial à implantação de um empreendimento comercial: saber dimensionar o público e defini-lo segundo seu perfil e poder de compra. É possível ir além nessas considerações e buscar compreender onde está esse público em potencial no território.

É interessante perceber que, ao passo que o contexto urbano pode determinar públicos específicos que, conseqüentemente, terão como resposta tipologias comerciais também específicas, as atividades comerciais bem sucedidas incentivam a inserção de outras e, aos poucos, o comércio vai dotando as vias das cidades de novos significados e funções. Voltando ao exemplo do Alto dos Passos, a vitalidade de seu comércio local, intensificado com a implantação do *fast food* e depois difundido pelas vias do bairro com a abertura de inúmeros bares e restaurantes, fez com que suas calçadas começassem a ganhar um caráter de ambiente de encontro, entre amigos, conhecidos e até mesmo estranhos. Essa característica se torna evidente nas tradicionais comemorações de torcidas de futebol, festas de Carnaval e Copas do Mundo, famosos eventos do bairro.

A vitalidade do comércio noturno do Alto dos Passos, além do vasto leque de estabelecimentos gastronômicos, conta também com supermercado, posto de gasolina e farmácia, todos funcionando 24 horas. Essa condição pode ser explicada a partir da visão de Vargas (2006), que atrela a ocorrência do comércio noturno, em especial os de funcionamento integral, à complexidade de funções de serviço nas localidades. De fato, o Alto

dos Passos dispõe de uma estrutura ligada à prestação de serviços que envolve três hospitais e estações de rádio, que trazem para essa região um fluxo advindo de todo o município, bem como de cidades vizinhas, além de dotarem a área de uma maior oferta de taxis e transporte coletivo.

### JUIZ DE FORA EM PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO: TRADIÇÃO E NOVAS INSERÇÕES

Duarte (2006, p.98) afirma que “Em cada época podemos ver uma série de elementos arquitetônicos destacados, que distinguem determinadas atividades do conjunto das práticas sócio-espaciais, marcando decisivamente a forma das cidades”. Segundo o autor, as cidades podem ter sua história dividida em três momentos: a) a cidade tradicional ou pré-industrial (definida pelos grandes monumentos religiosos, mercados públicos, teatros, aquedutos, pontes e praças centrais); b) a cidade industrial ou moderna (das estações ferroviárias, lojas de departamento, galerias de comércio, grandes fábricas, vilas operárias, conjuntos residenciais, parques públicos, arranha-céus, autopistas, viadutos, estacionamentos e favelas); e, por fim, c) a cidade contemporânea (dos *shopping centers* e condomínios fechados). Logicamente, essa divisão não pode ser encarada de uma forma rígida; uma análise do desenvolvimento urbano das cidades de médio e grande porte possivelmente revelará a coexistência dessas tipologias e múltiplos períodos, como ocorre em Juiz de Fora.

No exercício de manutenção da vitalidade urbana das regiões centrais das cidades, em um contexto de descentralização, cabe lançar mão de estratégias que adaptem as antigas estruturas às novas demandas da realidade contemporânea. Nesse âmbito, Juiz de Fora, outrora “*Manchester Mineira*”, com seu centro guardando antigos exemplares da arquitetura fabril, passa a reciclar esses grandes edifícios, convertendo-os em espaços culturais ou dedicados ao setor terciário, seguindo uma tendência recorrente no contexto das cidades competitivas (Sánchez, 2010).

A antiga “Companhia Fiação e Tecelagem Santa Cruz”, seguindo essa linha, acabou por sediar, em 1991, o Santa Cruz *Shopping*, o primeiro exemplar a reproduzir na cidade, em suas devidas proporções, o programa arquitetônico dos grandes *shopping centers*: lojas, praça de alimentação, salas de cinema, estacionamento e parque infantil. Três anos antes, já havia sido implantado no centro da cidade o *Mister Shopping*, que segue a mesma lógica das galerias comerciais, tendo suas lojas dispostas em um percurso ligando a Rua Mister Moore à Avenida Getúlio Vargas.

É interessante perceber que, mesmo na era da cidade contemporânea de Duarte (2006), Juiz de Fora ainda se vale da construção de galerias, muitas delas com a denominação de *shoppings*, como tipologia comercial adequada às dinâmicas e fluxos centrais. Mesmo o Santa Cruz *Shopping* tem como grande ponto positivo comunicações diretas com três importantes ruas do centro, que lhe conferem o caráter de passagem, e consequentemente garantem o trânsito e consumo de seu público.

Da mesma forma que o contexto urbano e social pode conformar o ambiente propício para a inserção de uma determinada tipologia comercial, a garantia de prosperidade dessa tipologia, diretamente atrelada à sua solução arquitetônica, em muito estará pautada na análise e nos níveis de interação da edificação com o seu entorno.

Com o sucesso do Santa Cruz *Shopping* na região central, não tardou para que o já desenvolvido centro comercial do Alto dos Passos ganhasse um exemplar correlato. Em 1999 é inaugurado no bairro o *Shopping Alameda*, que, mesmo possuindo um menor número de lojas que seu concorrente central, apresenta cinco salas de cinema, com tecnologia audiovisual avançada, não tardando a se tornar uma referência da cidade no setor de entretenimento.

Sendo o Alto dos Passos um bairro com dinâmicas comerciais já bem estabelecidas, o que determinou não só o sucesso do *Shopping Alameda* (Figura 2), como também o fortalecimento do comércio em seu entorno, foi o seu partido arquitetônico: com implantação horizontal, as lojas são dispostas em uma grande galeria aberta à rua, da mesma forma que ocorre com sua praça de alimentação.

[...] o contato *shopping*-calçada surtiu um efeito de comércio de rua, voltado a um público mais abastado, mas cuja animação e dinâmica repercutiam no espaço público. Logo o Alameda virou um fenômeno de frequência, aumentando ainda mais a vitalidade noturna do Alto dos Passos. Em seguida, vários estabelecimentos começaram a surgir nas imediações: construções históricas eram convertidas em pizzarias, restaurantes, lojas de roupas, farmácias que devido ao movimento de público passaram a acompanhar o horário de funcionamento do *shopping* (Colchete Filho *et al.*, 2013, p.9).



**FIGURA 2** –  
Praça de alimentação do  
*Shopping Alameda*.  
Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Se nos anos 1990 o Alto dos Passos se firmou com uma nova centralidade comercial em Juiz de Fora, ao final da primeira década do século XXI a cidade viu as primeiras bases de consolidação de um novo subcentro também relevante, dessa vez na zona oeste: o loteamento Estrela Sul. A localização próxima à Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Monte Sinai (importante hospital da cidade) e aos bairros Cascatinha e São Mateus, ambos atuando como subcentros comerciais, além da ocupação residencial já consolidada, já constituía um indicativo de que o loteamento, à época conformado por um condomínio fechado unifamiliar, não tardaria a receber investimentos no setor comercial, uma vez que já dispunha, em suas proximidades, de grandes equipamentos institucionais e de serviços, geradores de fluxos, em especial os ligados ao transporte individual.

Nesse contexto, foi inaugurado em 2008 o Independência *Shopping* (Figura 3), o maior *shopping* da região, que conta com uma arquitetura típica dos *malls* — com lojas âncoras, salas de cinema do tipo *stadium* e amplo estacionamento. Diferente das outras tipologias de *shoppings* apresentadas anteriormente, o Independência se caracteriza principalmente por sua arquitetura monumental, que, a não ser pela relação visual, pouco se integra ao entorno imediato, o qual, à época de sua inauguração, não era consideravelmente ocupado.

O Independência *Shopping* atraiu investimentos financeiros, elevou o valor da terra em suas imediações, demarcou alterações viárias, mas, acima de tudo, estimulou a ocupação de grande parte dos terrenos disponíveis na área. O Estrela Sul testemunha a construção de inúmeras torres residenciais e comerciais, com uma atuação representativa de construtoras atuantes em grandes centros nacionais, além da inauguração de um *mall* especializado no setor de decoração no ano de 2009: o “*Spazio Design*”.



**FIGURA 3** –  
Independência  
*Shopping*.  
**Fonte:** Arquivo  
pessoal (2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a cidade a partir do comércio nela existente, um exercício proposto no presente artigo, é fundamental para a compreensão da importância do papel das práticas comerciais nas estratégias de ocupação do território. Além disso, por meio dos estudos das tipologias comerciais de Juiz de Fora aqui descritos, torna-se interessante perceber que, no contexto do projeto dessas edificações, o caminho contrário também é válido: pensar o comércio a partir da cidade existente.

A arquitetura comercial, valendo-se de uma boa localização, um planejamento criterioso e um estudo de implantação legitimamente pautado em seu contexto urbano, colabora sobremaneira com o desenvolvimento de seu entorno. O sucesso dos empreendimentos apresentados neste trabalho ratifica a visão de que a atividade comercial e a prestação de serviços estão intimamente relacionadas à dinâmica da urbe.

Juiz de Fora, tal como outras grandes cidades brasileiras que vêm atravessando um processo de descentralização comercial, testemunhará nos próximos anos a inauguração de importantes empreendimentos, em diferentes regiões da cidade, entre eles o Hospital Regional de Urgência e Emergência da Zona Norte, cujo raio de atendimento compreenderá toda a Zona da Mata Mineira. Um equipamento desse porte trará para as suas imediações demandas e possibilidades de desenvolvimento comercial que criam uma expectativa há muito aguardada de inserção de novas opções dos setores gastronômicos e de entretenimento em uma área, hoje, pouco dinâmica. Fruto desse processo é a construção do *Shopping Jardim Norte*, em andamento, que vem coroar a conformação de uma área de nova centralidade junto ao Hospital Regional, a Rodoviária e o Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Dessa forma, lançar um olhar sobre o encaminhamento histórico das atividades comerciais na cidade mostra-se importante no reconhecimento não só da identidade comercial local, mas também das estratégias de projeto com relação aos seus contextos, de forma a contribuir com inserções futuras.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, J.G.F. Juiz de Fora: evolução urbana de uma cidade industrial desde o século XIX. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 6., 2000. Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 2000. p.1-15.
- ABDALLA, J.G.F. Tipologia da arquitetura e cidades: uma investigação em Juiz de Fora, MG. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 2., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PROARQ, 2011. p.14-24.
- BRAIDA, F. *Passagens em rede: a dinâmica das galerias comerciais e dos calçadões nos centros de Juiz de Fora e de Buenos Aires*. Juiz de Fora: Funalfa, 2011.
- COLCHETE FILHO, A.F. *et al.* Estratégias habitacionais nos extremos: as habitações contemporâneas para alta e baixa rendas em Juiz de Fora, Brasil. In: CONFERÊNCIA DE PLANEJAMENTO REGIONAL E URBANO, 1., WORKSHOP DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 11., 2011, Aveiro. *Anais...* Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011. p.1-19.

COLCHETE FILHO, A.F. *et al.* Comércio noturno em Juiz de Fora/MG: dinâmicas do espaço público e da vida urbana. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE, 2013, 7., Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design, 2013. p.1-19

DUARTE, C.F. *Forma e movimento*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

GUIMARÃES, S. *Juiz de Fora: projetando memória*. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=313670>>. Acesso em: 17 set. 2012.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LOPES, F. Alta dos aluguéis no centro empurra lojistas para bairros. *Tribuna de Minas*, 4 set. 2011. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/economia/alta-de-alugueis-no-centro-empurra-lojistas-para-bairros-1.868823>>. Acesso em: 24 set. 2012.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P. *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2010.

SCHWENK, L.M.; CRUZ, C.B.M. Processo espaciais: descentralização da área central e da cidade e a segregação da favela e da cidade. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v.27, n.2, p.181-188, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/199/147>>. Acesso em: 17 set. 2012.

VARGAS, H.C. Comércio 24 horas. *Revista da Folha*, 30 jul. 2006. Disponível em: <[http://www.usp.br/fau/deprojeto/labcom/produtos/2006\\_vargas\\_comercio24horas.pdf](http://www.usp.br/fau/deprojeto/labcom/produtos/2006_vargas_comercio24horas.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2012.

**ANTONIO COLCHETE FILHO** Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | Juiz de Fora, MG, Brasil.

**FREDERICO BRAIDA** Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Juiz de Fora, MG, Brasil.

**CARINA FOLENA CARDOSO** Universidade Federal de Juiz de Fora | Faculdade de Engenharia | Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | Campus Universitário, 36036-330, Juiz de Fora, MG, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: C.F. CARDOSO | E-mail: <[carinafolelena@hotmail.com](mailto:carinafolelena@hotmail.com)>.

Recebido em  
3/5/2013 e aceito  
para publicação  
em 6/8/2013.